

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

HELENA HORNING

ANÁLISE DOS RELATOS DE OCORRÊNCIA DE MULHERES EM SITUAÇÃO  
DE VIOLÊNCIA SEXUAL FACILITADA POR DROGAS

CURITIBA

2021

HELENA HORNUNG

ANÁLISE DOS RELATOS DE OCORRÊNCIA DE MULHERES EM SITUAÇÃO  
DE VIOLÊNCIA SEXUAL FACILITADA POR DROGAS

TCC apresentada ao curso de Graduação em Enfermagem, Setor de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Enfermagem

Orientadora: Profa. Dra. Tatiane Herreira Trigueiro

CURITIBA

2021

## TERMO DE APROVAÇÃO

HELENA HORNUNG

### ANÁLISE DOS RELATOS DE OCORRÊNCIA DE MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA SEXUAL FACILITADA POR DROGAS

TCC apresentada ao curso de Graduação em Enfermagem, Setor de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Enfermagem.

---

Profa. Dra. Tatiane Herreira Trigueiro  
Orientadora – Departamento de Enfermagem, UFPR

---

Profa. Dra. Rafaela Gessner Lourenço  
Departamento de Enfermagem, UFPR

---

Profa. Dra. Marilene Loewen Wall  
Departamento de Enfermagem, UFPR

Curitiba, 08 de dezembro de 2021.

## RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo analisar os relatos de ocorrência advindos das fichas de notificação dos atendimentos às mulheres em situação de violência sexual com sinais sugestivos dos efeitos das drogas facilitadoras de abuso atendidas em um hospital especializado do Paraná durante a pandemia de COVID-19. Trata-se de uma pesquisa descritiva com abordagem qualitativa, de corte transversal, com coleta retrospectiva de dados secundários de um hospital de grande porte no estado do Paraná referência no atendimento à casos de violência sexual. A coleta de dados foi realizada entre janeiro a dezembro no ano de 2020 a partir do banco de dados referente ao ano de 2020 das fichas de notificação de violência sexual por intoxicação do serviço de epidemiologia do hospital. A partir dos critérios de inclusão a amostra final foi composta por 58 breves relatos das fichas de notificação de violência sexual sugestivo de violência sexual facilitada por drogas. Os dados foram analisados de forma temática proposta por Bardin. Da análise emergiu a categoria Abordagens utilizadas pelos agressores para cometer a violência sexual por drogas facilitadoras de abuso sexual em meio a pandemia de COVID-19, formada por dois temas, o primeiro “Suspeita de Envenenamento Oportunista” diz respeito a ação em que o agressor se aproveita do consumo voluntário de drogas lícitas e/ou ilícitas por parte da mulher. Este comportamento foi identificado em 40 breves relatos, correspondendo a 68,96% dos casos. Já o “Suspeita de Envenenamento Ativo” é aquele em que o agressor força a vítima a ingerir drogas lícitas e/ou ilícitas. Esse movimento do agressor foi evidenciado em 18 breves relatos, correspondendo a 31,03% dos casos analisados. No cenário da pandemia da COVID-19 a análise dos breves relatos nesta pesquisa permitiu identificar que, na maioria dos casos, a abordagem dos agressores às vítimas ocorreu em espaços com pouca circulação de pessoas ou ambientes privados, sendo este espaço o mesmo da prática da violência. Eram pessoas próximas ou amigos da vítima e a utilização de substâncias químicas levou ao estado de vulnerabilidade dessas mulheres do qual os agressores foram oportunistas e cometeram o crime sexual.

Palavras-Chave: Delitos Sexuais. Violência contra a Mulher. Envenenamento.

## Abstract

The present research aims to analyze the reports of occurrences arising from the notification forms of care provided to women in situations of sexual violence with suggestive signs of the effects of drugs that facilitate abuse treated at a specialized hospital in Paraná during the COVID-19 pandemic. This is descriptive research with a qualitative approach, cross-sectional, with retrospective collection of secondary data from a large hospital in the state of Paraná, which is a reference in the care of cases of sexual violence. Data collection was carried out between January and December in the year 2020, based on the database for the year 2020 of the notification forms for sexual violence caused by intoxication in the hospital's epidemiology service. Based on the inclusion criteria, the final sample consisted of 58 brief reports from the notification forms of sexual violence suggestive of sexual violence facilitated by drugs. Data were analyzed thematically proposed by Bardin. From the analysis emerged the category "Approaches used by the aggressors to commit sexual violence by drugs that facilitate sexual abuse in the midst of the COVID-19 pandemic", formed by two themes, the first "Suspected Opportunistic Poisoning" concerns the action in which the aggressor takes advantage of the voluntary consumption of legal and/or illegal drugs by the woman. This behavior was identified in 40 brief reports, corresponding to 68.96% of cases. The "Suspected Active Poisoning" is one in which the aggressor forces the victim to ingest legal and/or illegal drugs. This movement of the aggressor was evidenced in 18 brief reports, corresponding to 31.03% of the analyzed cases. In the COVID-19 pandemic scenario, the analysis of the brief reports in this research allowed us to identify that, in most cases, the approach of the aggressors to the victims took place in spaces with little movement of people or private environments, this space being the same as the practice of violence. They were close people or friends of the victim and the use of chemical substances led to the vulnerability of these women in which the aggressors were opportunistic and committed the sexual crime.

Keywords: Sexual Offenses. Violence against Women. Poisoning.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>2</b>	<b>REVISÃO DE LITERATURA.....</b>	<b>10</b>
2.1	VIOLÊNCIA SEXUAL POR DROGAS FACILITADORAS DE CRIMES NO BRASIL.....	10
2.2	A ENFERMAGEM NO ATENTIMENTO DE MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA SEXUAL.....	11
<b>3</b>	<b>OBJETIVO .....</b>	<b>14</b>
<b>4</b>	<b>MÉTODO.....</b>	<b>15</b>
<b>5</b>	<b>RESULTADOS.....</b>	<b>17</b>
<b>6</b>	<b>DISCUSSÃO .....</b>	<b>20</b>
<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>23</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>25</b>

## 1 INTRODUÇÃO

No contexto de Pandemia pela COVID-19, a Violência Contra a Mulher (VCM) tem ganhado repercussão nacional e mundial. Observou-se um aumento da VCM na sua própria residência, tendo como autores pessoas conhecidas. Esse fato traz um alto grau de complexidade ao enfrentamento da violência de gênero no que concerne à proteção da vítima, punição do agressor e medidas de prevenção. Durante a pandemia as mulheres passaram a conviver mais tempo com seus agressores, observou-se em muitas famílias a perda de renda familiar, aumento das tensões no domicílio, maior isolamento e com isso o distanciamento de uma rede de proteção (ONU MULHERES, 2020).

De acordo com a pesquisa “Visível e Invisível: a vitimização de mulheres no Brasil”, realizada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), em 2021, durante a Pandemia COVID-19, a cada 4 mulheres brasileiras com mais de 16 anos, 1 (24,4%) afirma que sofreu algum tipo de violência ou agressão nos últimos 12 meses. Significando que 17 milhões de mulheres sofreram violência física, psicológica ou sexual no último ano. Em relação ao agressor, em 72,8% dos casos foi conhecido. Dessas que sofreram algum tipo de violência, 5,4% foi ofensa sexual ou tentativa forçada de manter relação sexual (FBSP, 2021).

A violência sexual é uma dessas manifestações que faz diversas vítimas diariamente, deixando consequências físicas, psicológicas e sociais àqueles que a sofrem. Esta é definida pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como “todo ato sexual, tentativa de consumir um ato sexual ou insinuações sexuais indesejadas; ou ações para comercializar ou usar de qualquer outro modo a sexualidade de uma pessoa por meio da coerção por outra pessoa, independentemente da relação desta com a vítima, em qualquer âmbito, incluindo o lar e o local de trabalho” (WHO, 2002).

No Código Penal Brasileiro, o estupro é definido como “constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a ter conjunção carnal ou a praticar ou permitir que com ele se pratique outro ato libidinoso”. Somado a isso, a ocorrência de abuso sexual tem maior penalidade para o caso de vítimas que

não podem oferecer resistência, o que é chamado de estupro de vulnerável (BRASIL, 2009).

Como forma de deixar suas vítimas mais vulneráveis, criminosos utilizam de substâncias químicas denominadas de Drogas Facilitadoras de Crime (DFC) para cometer a violência sexual. Existem mais de 100 substâncias utilizadas para este fim, mas as mais utilizadas são o etanol, os benzodiazepínicos, o gama-hidroxi-butirato (GHB) e a cetamina, que podem ser usados separadamente ou em associação (TAKITANE, 2017).

A maioria das DFC pertencem à classe de drogas depressoras do sistema nervoso central. Sendo assim, provocam sensação de relaxamento, comprometimento da função motora, perda de memória temporária, percepção prejudicada, inconsciência e, até mesmo, podem levar ao óbito. Além disso, são facilmente dissolvidas em bebidas de qualquer tipo, são inodoras e insípidas, necessitam de pequenas doses e levam pouco tempo para produzir efeitos (UNODC, 2011). Estas substâncias têm a capacidade de alterar a cognição da vítima, comprometer a racionalidade e a tomada de decisões (dos REIS, 2018).

No Brasil a adição de drogas efetuada secretamente para a pessoa em bebidas é conhecida como “Boa Noite, Cinderela” (BRASIL, 2008) e todas estas substâncias envolvidas na VS são estudadas como *Drug Facilitated Sexual Assault*, em português, Violência Sexual Facilitada por Drogas (DFSA) (UNODC, 2011). No Brasil, entre 2010 e 2019, houveram 254.461 casos de VS em mulheres e desses 2.210 foram com envolvimento de intoxicação por algum tipo de substância química (BRASIL, 2021 DATASUS). Pesquisa realizada na cidade de São Paulo entre 2016 e 2017, evidenciou que de 102 crimes sexuais registrados, 48% dos laudos criminalísticos apontaram resultado positivo para presença de drogas em fluidos corporais das mulheres, estas eram 98% do sexo feminino, 47% eram jovens entre 12 a 20 anos e 39% entre 21 e 30 anos (MARTON, OLIVEIRA, 2019).

Sabe-se que o ambiente que a mulher é exposta as DFC comumente são em espaços de descontração, local que a mulher geralmente procura como a intenção de diversão. Essas substâncias são oferecidas principalmente em bares, boates, casas de show, churrascos, repúblicas, entre outros, pois

apresentam geralmente baixa luminosidade e música alta, assim esses ambientes de mesa de bar tornam-se oportunos pois necessitam do deslocamento da mulher para o banheiro e ao retornar seu copo foi “batizado” (OLSEN, 2014; ANDERSON et al., 2017).

Dentre as pesquisas existentes sobre a temática, na comunidade norte americana metade das pessoas em situação de VS descreveram um encontro com o agressor em um lugar público, e mais de 70% conheciam o agressor como um amigo ou colega, do qual utilizaram fármacos para realizar o estupro (OLSEN, 2014).

A pandemia mundial da Covid-19, alterou o cotidiano de todas as pessoas. Para além disso, a pandemia e o confinamento alteraram as relações sociais e o convívio em espaços de aglomeração. Contudo, na medida em que o confinamento resultou em um aumento de casos de violência doméstica, é necessário investigar o panorama e comportamento dos casos atendidos e registrados em situações em que a violência ocorre, em sua maioria, em um contexto oposto ao lar, como a DFSA.

Sendo assim, o Enfermeiro como profissional na linha de frente que atende situações de violência sexual nos serviços de referência tem como ação a gerência do cuidado de quem procura atendimento, realização de acolhimento, promoção de escuta ativa, desenvolvimento de cuidados voltados a prevenção de agravos, solicitação de acompanhamento da equipe multiprofissional e realização do preenchimento da ficha de notificação da violência. Ainda, é preciso um olhar atento aos sinais sugestivos de intoxicação daqueles em que se encontram em situação de violência sexual nos serviços para que atenção direcionada e cuidado qualificado para esses casos sejam oferecidos.

Neste sentido, esta pesquisa foi desenvolvida visando responder à questão: Qual o perfil de abordagem das mulheres em situação de violência sexual a partir das fichas de notificação atendidas em hospital centro de referência em 2020?

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1 VIOLÊNCIA SEXUAL POR DROGAS FACILITADORAS DE CRIMES NO BRASIL

De acordo com a Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) do ano de 2019, divulgada pelo IBGE, 8,9% das mulheres brasileira já sofreram violência sexual alguma vez na vida, ocorrendo maior prevalência na faixa etária de 18 a 29 anos. Dados deste estudo também mostram que nos 12 meses antecedentes à pesquisa, 885 mil mulheres, ou seja, 1% da população feminina brasileira se tornaram sobreviventes deste crime (IBGE, 2020).

Um estudo realizado no estado de São Paulo analisou laudos toxicológicos de crimes envolvendo DFC nos anos de 2016 e 2017 e traçou o perfil epidemiológico das pessoas que sofreram violência sexual. Desta maneira, o estudo mostrou que em 48% dos casos examinados houve a ingestão de alguma DFC. Dentro deste grupo, 98% das vítimas eram mulheres, com maior predominância na idade de 12 a 20 anos. Ainda nesta pesquisa, foi evidenciado que as DFC mais utilizadas foram o álcool etílico, a metoclopramida e o delta 9-tetrahydrocannabinol (D9-THC) (MARTON, OLIVEIRA, 2019).

O álcool etílico é uma droga legalizada e de fácil acesso financeiro. Como um depressor do Sistema Nervoso Central, em determinadas concentrações é capaz de provocar alterações na visão, atenção, problemas na manutenção da postura corporal e coordenação, amnésia retrógrada e, até depressão respiratória (MARTON, OLIVEIRA 2019).

O delta 9-tetrahydrocannabinol é o principal componente psicoativo da *Cannabis sativa*. Apesar de ser ilegal, seu uso é altamente explorado, tendo prevalência menor apenas que o álcool e a nicotina. Suas ações predominam no tecido cerebral e, de maneira proporcional a concentração utilizada, causam efeitos de euforia, sedação, funções sensoriais alteradas, dificuldade motora e prejuízo de memória (SANTOS, COERTJENS, 2014). Desta forma, a vítima fica menos responsiva e mais vulnerável ao crime.

A metoclopramida é um medicamento antiemético indicado para o tratamento de distúrbios da motilidade gastrointestinal. Suas principais reações adversas estão relacionadas a alterações do Sistema Nervoso Central. Seus efeitos incluem sonolência, perda de consciência, confusão e desorientação (ORTA, 2011).

Estas e outras DFC são utilizadas com o objetivo de provocar sedação e indução ao sono, alterações no comportamento das vítimas, amnésia retrógrada, promover um estado de vulnerabilidade em que o criminoso possa realizar suas ações sem resistência. Algumas drogas como cocaínas e as da classe das anfetaminas podem ser administradas com a intenção de aumentar o desejo sexual e reduzir as inibições comportamentais da vítima (MADEA, MUßHOFF, 2009). Por isso, muitas vezes são utilizadas diferentes drogas em conjunto, provocando determinados comportamentos desejados pelo agressor.

## 2.2 A ENFERMAGEM NO ATENDIMENTO DE MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA SEXUAL

De acordo com o Protocolo para o Atendimento às Pessoas em Situação de Violência Sexual da cidade de Curitiba fica estabelecido que o trabalho multiprofissional e as redes de atenção à saúde e de proteção social são fundamentais para o enfrentamento destes casos. Além disso, o atendimento de qualidade, a capacidade de escuta, o sigilo e respeito devem ser atitudes intrínsecas de todos os profissionais que estiverem presentes no atendimento dessas vítimas (HUÇULAK, FERREIRA, TCHAIKOVSKI, 2017).

A primeira etapa do atendimento se dá com o acolhimento da pessoa em situação de violência, em que o profissional da saúde deverá assegurar a ética, privacidade, confidencialidade e sigilo. É necessário proporcionar um ambiente reservado e, de preferência, realizar a entrevista sem a presença de acompanhantes, uma vez que estes podem influenciar nas respostas. Nesta etapa é registrado em prontuário um breve histórico e dados pessoais da pessoa em situação de violência. É importante incluir dados como o uso de

preservativos, tipo de agressão, meio utilizado e uso de métodos contraceptivos. Então é acionada a delegacia de referência para solicitação de exames periciais (HUÇULAK, FERREIRA, TCHAIKOVSKI, 2017).

Na etapa do atendimento clínico, as informações do ocorrido serão mais exploradas. É necessário registrar o local, dia e horário em que ocorreu a violência sexual, tipo de violência sofrida, formas de constrangimento utilizadas, caracterização e quantidade de agressores. Também é realizado exame físico completo, incluindo exame ginecológico e urológico, descrição detalhada das lesões e outros achados no exame. Destaca-se aqui a importância de serem identificados todos os profissionais que prestaram assistência à vítima, bem como, preencher a Ficha de Notificação Compulsória de Violência Doméstica, Sexual e Outras Violências (HUÇULAK, FERREIRA, TCHAIKOVSKI, 2017).

Os exames forenses estão relacionados a aspectos médico legais e envolvem: coleta de sangue da pessoa agredida para banco de DNA, análise toxicológica, investigação de doenças e possível gravidez; urina para análise toxicológica; swabs para pesquisa de sangue e espermatozóides; coleta de outras materiais como absorvente, papel higiênico, vestes íntimas e roupas. Estes exames são analisados pela Divisão de Laboratórios do IML/Curitiba ou Seções deste Instituto autorizadas (HUÇULAK, FERREIRA, TCHAIKOVSKI, 2017).

É importante salientar que o aguardo dos resultados dos exames não determina espera para início da profilaxia. A Anticoncepção de Emergência deve ser administrada em até 72 horas após o ocorrido e é indicada para mulheres que não fazem uso prévio de método contraceptivo. No caso, de mulheres que fazem este uso, a administração deve ser analisada considerando o trauma causado pela violência sofrida. Além disso, também devem ser prescritos medicamentos para profilaxia de IST's e orientada a sua utilização correta, bem como de eventos adversos possíveis (HUÇULAK, FERREIRA, TCHAIKOVSKI, 2017).

Um estudo numa universidade de Campinas (SP), mostrou que todos os profissionais entendem a importância de se prestar um acolhimento de qualidade a mulher em situação de violência sexual. Destaca-se a necessidade de

estabelecer um vínculo com a vítima, demonstrando empatia e solidariedade com o sofrimento ocorrido. Além disso, a criação deste ambiente seguro, contribui fortemente à adesão do tratamento (REIS, 2010).

O enfermeiro deve integrar seus conhecimentos técnico-científicos com a habilidade e cuidado da prática garantindo que a mulher não passe por situações desconfortantes e geradoras de angústia e mais sofrimento. No estudo citado anteriormente, também foi evidenciado que as experiências pessoais de violência sexual produzem em alguns profissionais da enfermagem medo e conflitos internos na hora de prestar assistência às sobreviventes deste crime. No entanto, a aptidão e competência dos profissionais prevalecem e a gratidão pelo serviço prestado reafirma a habilidade e disposição destes enfermeiros (REIS, 2010).

É evidente que a empatia, a criação de um vínculo e a construção de um ambiente seguro para as vítimas é fator fundamental para a assistência de qualidade às vítimas de violência sexual. Também é importante ressaltar a importância de se realizar o Processo de Enfermagem (PE) através da Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE), utilizando todas as ferramentas disponíveis para garantir um cuidado integral e exitoso às mulheres em situação de violência sexual (REIS, 2010).

### **3 OBJETIVO**

Analisar os relatos de ocorrência advindos das fichas de notificação dos atendimentos às mulheres em situação de violência sexual com sinais clínicos dos efeitos das drogas facilitadoras de abuso atendidas em um hospital especializado do Paraná durante a pandemia de COVID-19.

## 4 MÉTODO

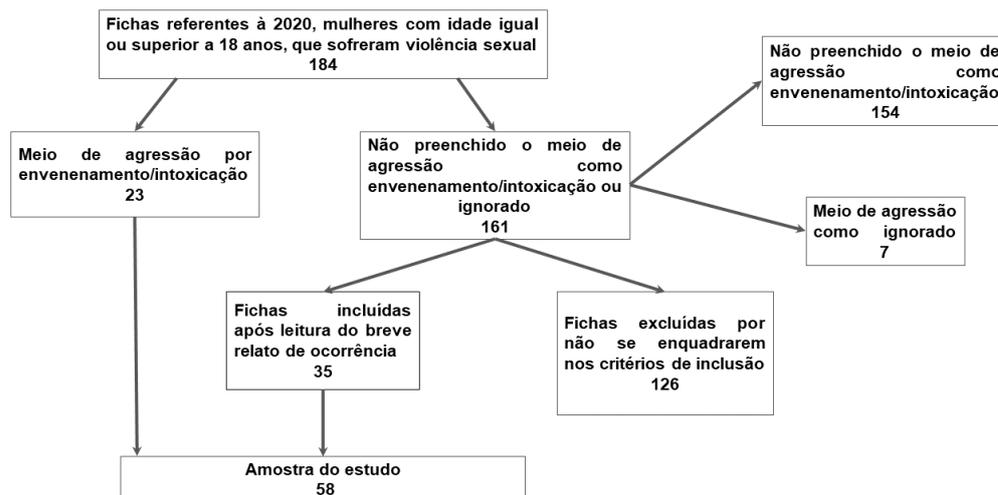
Trata-se de uma pesquisa descritiva com abordagem qualitativa, de corte transversal, com coleta retrospectiva de dados secundários realizado em um hospital de grande porte no estado do Paraná referência no atendimento à casos de violência sexual no período da pandemia do COVID-19.

Na constituição da população da pesquisa foram consideradas as fichas de notificação de mulheres que sofreram violência sexual com uso sugestivo de DFC, atendidas em um hospital especializado do Paraná no ano de 2020, com idade igual ou superior a 18 anos. A busca dos dados das fichas das participantes ocorreu por meio do banco de dados estatísticos do Serviço de Epidemiologia do hospital pesquisado.

A coleta de dados foi realizada entre os meses de janeiro a dezembro no ano de 2020. A partir dos dados fornecidos, estes foram organizados e selecionados em uma tabela de Excel® elaborada pelas pesquisadoras contendo o relato da ocorrência.

Foram incluídas na pesquisa, todas as fichas de notificação de violência sexual por intoxicação arquivadas no serviço de epidemiologia do hospital de 2020. Nenhuma ficha foi excluída. Para a seleção da amostra, a partir dos dados registrados de violência sexual no ano de 2020, em um total de 184, foi selecionado o filtro ocorrência de envenenamento, apontando 23 registros, contudo, foi realizada a leitura do breve relato de todas as ocorrências de violência sexual, e a partir desta, foram incluídos mais 35 notificações que apresentavam características sugestivas deste tipo de violência como exposição, ingestão ou inalação de álcool, substâncias psicoativas, medicamentos, entre outros. Desta forma, a amostra final foi composta por 58 fichas de notificação de violência sexual sugestivo de DFSA. Este processo pode ser evidenciado na Figura 1.

Figura 1 - Fluxograma da Seleção das Fichas de Notificação



Fonte: As autoras, 2021

Os relatos da amostra selecionada foram extraídos da planilha de Excel e organizados em um documento de Word a conter 13 páginas e analisados mediante análise temática proposta por Bardin que contém três etapas: pré-análise; exploração do material; e tratamento dos resultados (Bardin, 2016). Da análise emergiram dois temas, “Suspeita de Envenenamento Oportunista” e “Suspeita de Envenenamento Ativo” que formaram outros dois documentos com 10 e 4 páginas respectivamente. Destes, emergiu a categoria “Abordagens utilizadas pelos agressores para cometer a violência sexual por drogas facilitadoras de abuso sexual em meio a pandemia de COVID-19”.

Esta pesquisa está em conformidade com preceitos éticos na Resolução nº466/2012 que contempla sobre pesquisa em seres humanos, O projeto encontra-se aprovado pelo Comitê de Ética do local de realização desta pesquisa em 24 de setembro de 2020, sob o parecer consubstanciado nº 4.297.848 (CAAE nº 35055020.3.0000.0096).

## 5 RESULTADOS

Das 58 fichas analisadas, as mulheres atendidas tinham idade entre 18 (5,17%; n = 3) e 61 anos (1,72%; n = 1), com média de 30 anos.

A observação do período de ocorrência mostrou que 27 (46,55%) das violências ocorreram durante a madrugada (00:00h - 5:59h), 14 (24,13%) aconteceram no período da noite (18:00h - 23:59h), 4 (6,89%) se deram durante a manhã (6:00h - 11:59h), 2 (3,44%) ocorreram durante a tarde (12:00h - 17:59h) e 11 (18,96%) das fichas tiveram o campo ignorado. Em relação ao local de ocorrência, residências mostraram-se mais recorrentes (70,68%; n = 41), seguidas das vias públicas (10,34%; n = 6), comércios ou serviços (6,89%; n = 4) e bares ou similares (3,44%, n = 2).

No campo de identificação do agressor, majoritariamente ocorreram por pessoas desconhecidas (53,44%; n = 31). Na sequência, temos agressores vinculados à vítima (46,55%; n = 27), sendo estas amigos ou conhecidos (29,31%; n = 17), relacionado ao vínculo familiar (cunhado, tio, primo) e ao vínculo afetivo (namorado, ex namorado, cônjuge) em 4 (6,89%) e 6 (10,34%) dos casos, respectivamente.

Em relação ao tipo de droga possivelmente envolvida, evidenciou-se que em 29 (50%) fichas foram registradas o uso de drogas lícitas (álcool), 11 (18,96%) com uso de drogas ilícitas (clorofórmio, narcóticos), 16 (27,58%) com combinações de drogas lícitas e ilícitas e 2 (3,44%) com uso de medicamentos (zolpiden, rivotril).

### **Abordagens utilizadas pelos agressores para cometer a violência sexual por drogas facilitadoras de abuso sexual em meio a pandemia de COVID-19**

O tema “Suspeita de Envenenamento Oportunista” diz respeito a ação em que o agressor se aproveita do consumo voluntário de drogas lícitas e/ou ilícitas por parte da mulher. Este comportamento foi identificado em 40 breves relatos,

correspondendo a 68,96% dos casos. O que pode ser observado nos trechos abaixo:

“Relata que quando retornava de uma festa, chamou um táxi para casa. Foi violentada sexualmente pelo taxista. Ao acordar pela manhã sem roupas íntimas. Não lembra de detalhes por ter feito uso abusivo de álcool.”

“Relata que faz uso de *zolpidem*. O vizinho aproveitou a porta aberta, a puxou pelo braço e a jogou na cama. Estava já sob efeito do medicamento. Refere não lembrar se houve penetração. Refere dor no canal vaginal.”

“Trazida pelo SAMU, desacordada e acompanhada do esposo, que relata que a vítima relatou que fez uso de álcool e drogas durante a noite e que na manhã acordou com o amigo da família despido e em cima dela e sentia muitas dores na região íntima.”

“Foi a uma festa acompanhada do rapaz que estava ficando. Após beber muito, passou mal e foi descansar no quarto, quando o pai do dono da festa se passou por seu namorado, a beijou e introduziu o dedo na sua vagina.”

“Estava sozinha, sentada na beira da praia com uma caixa de cerveja, bebendo. Não percebeu o tempo passar e já de madrugada foi abordada por um desconhecido que a estuprou e ejaculou, tentou se desvencilhar, mas não conseguiu.”

Já a “Suspeita de Envenenamento Ativo” é aquela em que o agressor força a vítima a ingerir drogas lícitas e/ou ilícitas. Esse movimento do agressor foi evidenciado em 18 breves relatos, 31,03% dos casos analisados, conforme os trechos a seguir:

“Vítima de parceiro íntimo em processo de separação. O mesmo ofereceu uma vitamina e depois disso, acordou com a filha testemunha, tentando acordá-la. Filha relata que o pai estava parado olhando para a vítima deitada sem roupas íntimas.”

“Procurou o agressor para pedir ajuda. Ao chegar, foi forçada a ter relações sexuais com ele, sofrendo lesões em seus genitais/ânus. Agressor levou a vítima em um ritual religioso onde lhe deram álcool e drogas, abusaram novamente dela, após a abandonaram.”

“Vítima relata que dormiu e quando acordou sentiu um cheiro forte no quarto e muita dor no quadril e nas partes íntimas. Acha que foi dopada pelo casal (tio e prima) e que a estupraram enquanto dormia.”

“Estava em um ponto de ônibus na saída do trabalho, quando foi abordada por 3 homens em um carro, um deles armado. Um pediu para entrar no carro e não viu mais nada após ter a boca e nariz tapados.”

“Na data supracitada o namorado foi até a casa da vítima, estava embriagado e com a força física a levou até o quarto onde praticou o estupro e, com agressões, obrigou a vítima a usar rivotril que pertencia ao mesmo.”

A análise dos relatos nesta pesquisa permitiu identificar que, na maioria dos casos, a abordagem dos agressores às vítimas ocorreu em espaços com pouca circulação de pessoas ou privados, sendo o mesmo espaço em que foi cometida a violência sexual, por meio da utilização voluntária, ou não, de drogas pelas vítimas.

## 6 DISCUSSÃO

Os bares e casas noturnas são locais muito procurados para fugir da rotina e buscar lazer e recreação. Nestes espaços, costumam-se utilizar de drogas lícitas e ilícitas como maneira de potencializar o momento de diversão. As mulheres frequentadoras destes ambientes e/ou que fazem uso das substâncias citadas, são consideradas fáceis, vulneráveis e com maior disponibilidade sexual (SZNITMAN, 2007; PIRES, 2018). Todo este cenário, atrelado com as questões de gênero, resultam em mulheres com maior vulnerabilidade e indefensabilidade, propiciando episódios de violência sexual (FERREIRA, 2020).

Um estudo realizado em Portugal, entrevistou 12 mulheres e entre estas todas já tinham assistido, tinham conhecimento ou passaram por situações de violência sexual nestes pontos noturnos. Os casos eram relatados como tão comuns, que as participantes do estudo consideravam as situações de assédio sexual inerente a estes contextos (PIRES, 2018). Este dado corrobora com outro estudo que contou com a presença de 546 jovens entre homens e mulheres, em que, a grande maioria afirma já ter presenciado situações de abuso sexual nas mesmas áreas (FERREIRA, 2020).

De acordo com a Organização Mundial da Saúde, a violência sexual atinge principalmente mulheres e alguns dos fatores de risco para tal fato são ser jovem e realizar o consumo de álcool e outras drogas (WHO, 2002). Da mesma forma, agressores tendem a buscar alvos que são considerados por eles, pessoas com menor poder na sociedade. Sendo assim, os ofensores vão atrás de vítimas que são mais fáceis de serem agredidas e, por isso, mulheres frequentadoras de ambientes noturnos e/ou utilizadoras de álcool e drogas constituem a população de interesse destes indivíduos (DAWGERT, 2009, apud FERREIRA, 2020).

No cenário da pandemia da COVID-19, foram estabelecidas medidas para conter sua evolução. Algumas das intervenções foram isolamento e distanciamento social, proibição de eventos e aglomerações e incentivo às pessoas permanecerem o maior tempo possível dentro de suas residências

(AQUINO, 2020). Neste sentido, muitas pessoas começaram a fazer reuniões com amigos em suas próprias residências, corroborando com os dados de maior prevalência das situações de assédios em ambientes residenciais.

Em relação ao horário de ocorrência das situações de violência, prevaleceu o período noturno e da madrugada, com 24,13% e 46,55% respectivamente. Este dado corrobora com outros estudos que mostram a mesma prevalência de período do dia. Esta dinâmica ocorre, uma vez que os agressores dão preferência a locais escuros, evitando os olhos da população geral e podendo até, contar com o fator surpresa para abordagem das vítimas (PASSOS, GOMES, GONÇALVES, 2018; ALBUQUERQUE, SILVA 2017).

A utilização de substâncias psicoativas é um fator que revitimiza as mulheres em situação de violência sexual. Apesar da sociedade acreditar que não se trata de falsas denúncias, é comum que nestes casos realize-se uma distribuição da culpa entre agressor e vítima. Isto porque as mulheres só teriam sido violadas, por terem contribuído voluntariamente para tal ação (VENTURA, 2015). Aqui pode ser introduzido o conceito de “vítima precipitadora”, que são aquelas cujo estilo de vida, neste caso, o uso de drogas lícitas e ilícitas, levam a ocorrência do crime, suscitando tal comportamento em seus ofensores (DUARTE, 2013).

De acordo com estas informações, a sociedade acaba por cultivar uma cultura de violência sexual, em que tal conduta é banalizada. Isto porque homens podem consumir álcool e outras drogas de maneira deliberada e mulheres, quando apresentam o mesmo comportamento, são vistas como convidativas a abusos. O consumo prévio e voluntário destas substâncias se estabelece como um fator atenuante da violência sexual e uma condição agravante da vítima (PIRES, 2018).

Desta maneira, a análise dos relatos de ocorrência advindos das fichas de notificação dos atendimentos às mulheres em situação de violência sexual com sinais clínicos dos efeitos das drogas facilitadoras de abuso atendidas em um hospital especializado do Paraná durante a pandemia de COVID-19, permitiu estabelecer a forma de abordagem dos agressores para com mulheres,

relacionadas ao uso concomitante de Drogas Facilitadoras de Crimes no período da pandemia da COVID-19.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio das narrativas das mulheres vítimas de violência sexual percebe-se que os principais locais de ocorrência destes crimes foram em ambientes privados ou com pouca circulação de pessoas. Além disso, os agressores foram majoritariamente pessoas conhecidas (amigos, familiares, vínculo afetivo) ou então conhecidos de amigos. Estes fatores estão relacionados ao cenário de pandemia da COVID-19 que ocasionou a maior frequência de encontros nos ambientes privados.

As agressões também tendem a ocorrer nos períodos noturnos. Isto reflete uma tentativa de mascarar o acontecimento e garantir a privacidade desejada pelo ofensor.

Em relação ao uso de substâncias psicoativas, existe uma prevalência de agressores que se aproveitam do consumo voluntário por parte das vítimas para cometer a violência. Este fato apresenta uma tendência de atenuar a culpa dos agentes realizadores do crime e culpabilizar as vítimas que se tornam responsáveis por estarem em uma situação de vulnerabilidade. Além disso, os ofensores tendem a caracterizar mulheres com este comportamento como vulneráveis e com maior disponibilidade sexual. Sendo assim, as agressões de mulheres com estes comportamentos são tidas como menos significativas para a sociedade, sendo banalizadas e reforçando a cultura da violência contra a mulher.

O enfermeiro, profissional responsável pelo atendimento às vítimas de violência sexual nos serviços de referência, deve promover o acolhimento, assumir uma postura de não julgamento e não reprodução da violência e, ainda, promover ações que garantam a segurança e proporcionem a confiança por parte destas mulheres. É imprescindível a manutenção do comportamento ético frente a tal situação, certificando o sigilo do caso. Além disso, o enfermeiro deve praticar uma escuta ativa e se atentar para a linguagem não verbal expressada pelas vítimas.

Sugere-se que estudos em diversos centros de atendimento à vítima de violência sexual realizem pesquisas desta natureza para que se possa conhecer o comportamento dos agressores. Desta forma, será possível uma maior compreensão deste fenômeno e promover ações de educação em saúde à população, a fim de evitar esta forma de violência sexual.

As limitações do presente estudo devem-se a coleta de dados secundários e a provável perda de informações. O primeiro ocorre uma vez que não é possível ter o controle de quem preencheu cada ficha de notificação, nem de como o fez, não assegurando um preenchimento adequado. E o segundo decorre do prejuízo durante o processo de transcrição do relato verbal das vítimas para o relato escrito na ficha de notificação.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, A. L., SILVA, W. C. Perfil da Violência Sexual contra Mulheres Atendidas no Serviço de Apoio à Mulher. *Revista de Enfermagem*, v. 11, p. 2106-2115. Recife, 2011. DOI: 10.5205/reuol.9302-81402-1-RV.1105sup201716.

AQUINO, E. M. L. Medidas de Distanciamento Social no Controle da Pandemia de COVID-19: Potenciais Impactos e Desafios no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 25, p. 2423-2446, 2020.

ANDERSON, Laura Jane et al. The role of voluntary and involuntary drug and alcohol consumption and premorbid mental health factors in drug-facilitated sexual assault. *Forensic Science, Medicine and Pathology*, v. 15, n. 3, p. 382-391, 2019. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s12024-019-00124-3>. Acesso em 28 ago. 2021.

BRASIL. Lei 12.015, de 7 de agosto de 2009. Dos Crimes Contra a Dignidade Sexual. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/lei/l12015.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l12015.htm). Acesso em: 16 jun. 2021.

BRASIL. Violência Interpessoal/Autoprovocada. DATASUS, 2021.

BUENO, S. et al. Visível e Invisível: a Vitimização de Mulheres no Brasil 2ª edição. FBSP, 2019.

BUSARDÒ, F. P. et al. Drug-facilitated sexual assaults (DFSA): a serious underestimated issue. *Eur Rev Med Pharmacol Sci*, v. 23, n. 24, p. 10577-10587, 2019. Disponível em: <https://www.europeanreview.org/wp/wp-content/uploads/10577-10587.pdf>. Acesso em: 27 ago 2021

COSTA, Y. R. S. et al. Violence against women and drug-facilitated sexual assault (DFSA): a review of the main drugs. *Journal of forensic and legal medicine*, p. 102020, 2020. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1752928X2030127X>. Acesso em: 27 ago 2021

DUARTE, M. Para um Direito sem Margens: Representações sobre o Direito e a Violência contra as Mulheres. Tese de Doutorado em Sociologia na área científica do Estado, do Direito e da Administração, Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

dos REIS, M. Cetamina como Droga Facilitadora De Crime: Uma Revisão Narrativa Da Literatura. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2018.

FERREIRA, M. L. P. F. Sexism Free Night - Contributo para a Caracterização do Assédio e Violência Sexual em Ambientes Recreativos Noturnos. Universidade Católica Portuguesa. Porto, 2020.

FIORENTIN, Taís Regina; LOGAN, Barry Kerr. Toxicological findings in 1000 cases of suspected drug facilitated sexual assault in the United States. *Journal of forensic and legal medicine*, v. 61, p. 56-64, 2019. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1752928X18304591?via%3Dihub>. Acesso em: 27 ago 2021

GRELA, Agatha; GAUTAM, Lata; COLE, Michael D. A multifactorial critical appraisal of substances found in drug facilitated sexual assault cases. *Forensic*

HUÇULAK, M., FERREIRA, M. C. F., TCHAIKOVSKI, H. L., D. Protocolo para o atendimento às pessoas em situação de violência sexual / SAS. Secretaria de Estado da Saúde do Paraná. 2. ed. – Curitiba: SESA, 2017.

IBGE. Pesquisa Nacional de Saúde 2019: Acidentes, Violências, Doenças Transmissíveis, Atividade Sexual, características do trabalho e apoio social. Brasil / IBGE, Coordenação de Trabalho e Rendimento. - Rio de Janeiro: IBGE, 2020. 101p.

LOBO, J. C. Uma Outra Pandemia no Brasil: As Vítimas da Violência Doméstica no Isolamento Social e a “Incomunicabilidade da Dor”. *Tessituras* v8 s1 jan-jun 2020, Pelotas, RS.

MADEA, B.; MUßHOFF, F. Knock-out drugs: Their prevalence, modes of action, and means of detection. *Deutsches Ärzteblatt International* 106: 341-347 (2009). Acesso em: 15 Jul 2021, Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2689633/>.

MARTON R., OLIVEIRA C. A. et al. Perfil epidemiológico das vítimas de violência sexual envolvendo. *Revista Brasileira de Criminalística*, v.8, n. 2, p. 63-67, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.15260/rbc.v8i2.391>.

ONU MULHERES. Violência contra as Mulheres e Meninas é Pandemia Invisível, afirma diretora executiva da ONU Mulheres. 2020. Disponível em: <https://www.onumulheres.org.br/noticias/violencia-contra-as-mulheres-e-meninas-e-pandemia-invisivel-afirma-diretora-executiva-da-onu-mulheres/>. Acesso em 23 nov. 2021.

ORTA, I. A. et al. La metoclopramida y sus reacciones adversas sobre el sistema nervioso central. Revista Cubana de Medicina General Integral 27: (2011). Acesso em 15 Jul 2021. Disponível em: <[http://scielo.sld.cu/scielo.php?pid=S0864-21252011000200008&script=sci\\_arttext&tling=en](http://scielo.sld.cu/scielo.php?pid=S0864-21252011000200008&script=sci_arttext&tling=en)>.

PASSO, A. I. M., GOMES, D. A. Y. GONÇALVES, C. L. D. Perfil do Atendimento de Vítimas de Violência Sexual em Campinas. Revista Bioética, v. 26, n. 1, p. 67-76, 2018. DOI: 10.1590/1983-80422018261227.

PIRES, C et al. Violência Sexual e Consumo de Substâncias Psicoativas: Podem os Contextos Festivos Ser Educativos? EX ÆQUO, n.º 37, 2018, pp. 143-158. DOI: <https://doi.org/10.22355/exaequo.2018.37.10>

POULSEN, H. et al. Toxicological assessment of the role of alcohol and drugs in drug-facilitated sexual assault cases in New Zealand. Journal of analytical toxicology, v. 45, n. 1, p. 44-52, 2021. Disponível em: <https://academic.oup.com/jat/article-abstract/45/1/44/5802799?redirectedFrom=fulltext>. Acesso em: 27 ago 2021

REIS, M. J.; et al. Vivências de Enfermeiros na Assistência à Mulher Vítima de Violência Sexual. Revista Saúde Pública, v. 44, n. 2, p. 325-31, 2010.

RICHER, Laurie A. et al. Characterizing drug-facilitated sexual assault subtypes and treatment engagement of victims at a hospital-based rape treatment center. Journal of interpersonal violence, v. 32, n. 10, p. 1524-1542, 2017. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/mdl-26063789>.

SANTOS, B.S.; COERTJENS, M. A Neurotoxicidade da Cannabis sativa e suas repercussões sobre a morfologia do tecido cerebral. Arquivos Brasileiros de Ciências da Saúde 39: (2014). Acesso em 15 Jul 2021. Disponível em: <<https://www.portalnepas.org.br/abcshs/article/view/250/383>>.

SZNITMAN, S. R. Drugs and Gender. Nordic Studies on Alcohol and Drugs v. 24, n. 2, p. 107-126, 2007.

TAKITANE, J; et al. Aspectos Médico-legais das Substâncias Utilizadas como Facilitadoras de Crime. Saúde, Ética & Justiça. 2017;22(2):66-71.

UNODC. Guidelines for the Forensic Analysis of Drugs Facilitating Sexual Assault and Other Criminal Acts. United Nations, New York, 2011.

VENTURA, I. Um Corpo que Seja Seu – Podem as Mulheres [Não] Consentir? EX ÆQUO, n.31, p. 75-89, 2015.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Global consultation on violence and health. Violence: a public health priority. Geneva: WHO; 1996 (document WHO/EHA/ SPI.POA.2).